



Um Exercício de Liberdade de Expressão e de Resistência à Censura Oficial: um Estudo de Caso da Blogosfera Cubana e do Blog Generación Y¹

Lia LUZ²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

A entrada do corpo e da vida nos cálculos do poder corresponde ao que Foucault chamou de biopolítica. Entretanto, o próprio Foucault intuiu que aquilo mesmo que o poder investia – a vida – era precisamente o que doravante ancoraria a resistência a ele. Assim, ao poder sobre a vida deveria responder a potência política da vida, capaz de operar uma resistência possível ao sequestro da vida pelo poder. Apoiando-nos no pensamento de Pierre Lévy e Hannah Arendt, levantamos a hipótese, a partir da análise do blog Generación Y, de que a blogosfera cubana é uma expressão micropolítica de resistência ao poder inserida dentro da lógica da biopotência da multidão, conceito proposto por Hardt e Negri, ao (re)criar um espaço público, permitindo a liberdade de expressão, a interatividade e novas práticas culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberespaço; Blogs Cubanos; Biopolítica e Biopotência; Resistência; Generación Y

Introdução

A entrada do corpo e da vida nos cálculos do poder corresponde ao que Foucault chamou de biopolítica. Entretanto, o próprio Foucault intuiu que aquilo mesmo que o poder investia – a vida – era precisamente o que doravante ancoraria a resistência a ele, numa reviravolta inevitável. Assim, conforme veio a explicitar Deleuze, ao prolongar essa análise foucaultiana, ao poder sobre a vida deveria responder a potência política da vida, capaz de operar uma resistência possível ao sequestro da vida pelo poder.

Tal potência da vida, no contexto contemporâneo, equivale precisamente à biopotência da multidão, termo cunhado no contexto da obra *Império*, de Antonio Negri e Michael Hardt (2001). Conforme postulam esses autores, *Império* é uma nova estrutura de comando, em tudo pós-moderna, descentralizada e desterritorializada, correspondente à

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Email: liahluz@gmail.com



fase atual do capitalismo globalizado, um capitalismo em rede, conexcionista, rizomático. Caracterizado por uma navegação mais aberta e uma maleabilidade sem precedentes, permite às pessoas se conectarem, ampliando o acesso a informações e multiplicando as possibilidades dessas linhas de fuga, de potências da vida.

Entendemos que as práticas comunicativas dos blogs potencializam a emergência de tais movimentos de resistência ao poder. No caso de Cuba, as mídias digitais permitem aos cubanos divulgar ideias contestatórias, informações e manifestações pessoais que não teriam abrigo na imprensa oficial. Com base nesse cenário, levantamos a hipótese, a partir da análise do blog *Generación Y*³, de que a blogosfera cubana configura-se como um caso de expressão de resistência ao poder, da potência da vida, por possibilitar a liberdade de expressão, trocas de saber, escuta e valorização das singularidades e a criação de novas formas de cooperação.

Neste artigo, indagamos como a prática dos blogs (re)criam o espaço público, possibilitando o exercício da cidadania, e de que forma o referido blog, ao participar ativamente desse espaço possível de uma nova relação com o poder que se contesta, cria novas subjetividades coletivas. A busca de respostas parte de um percurso metodológico de revisão bibliográfica que começa por abordar as categorias de tecnologias de poder foucaultianas, compreendidas a partir da distinção entre sociedade disciplinar e biopolítica, e as diferenças entre tais sociedades e a sociedade de controle, tomando por base as reflexões do filósofo Deleuze sobre o trabalho de Foucault.

Dialogamos, também, com Antonio Negri e Michael Hardt (2001) para abordar o conceito de Império e a releitura do termo biopolítica, a partir do qual emerge o conceito de biopotência da multidão. Por fim, nos apoiamos no pensamento de Pierre Lévy e de Hannah Arendt para defendermos a hipótese de que o blog *Generación Y*, expressão maior da blogosfera cubana, deu nascimento a uma forma de resistência contra o poder e (re)criou um espaço público que garante a liberdade de expressão e a dialogicidade.

Da sociedade disciplinar à biopolítica

³ <http://www.desdecuba.com/generaciony>; www.desdecuba.com/generaciony_pt/ (versão em português)



O surgimento do capitalismo, conforme analisou Foucault (1993; 1998; 2005), vai orquestrar uma transformação do direito político no início do século 18, a fim de produzir um ser humano que possa ser tratado como um “corpo dócil” e que também seja um corpo produtivo. Tal tecnologia anátomo-política envolve toda uma eficácia física de disciplinarização do corpo, necessária à época, de nascimento da revolução industrial na Europa. Em fins do século 18 e início do século 19, o Estado percebe, no entanto, que é preciso aperfeiçoar tal processo, e é quando entra em cena o outro elemento dessa sociedade. A categorização da população, da higiene, da saúde pública, da segurança fará parte desta nova forma de exercício do poder: a biopolítica (ÂNGELO, 2010).

O ponto de partida dessa genealogia foucaultiana foi a descoberta dos micropoderes disciplinares que visavam a administração do corpo individual, surgidos durante o século 17 em consonância com a gradativa formação de todo um conjunto de instituições sociais, como o exército, a escola, o hospital etc. De lá, Foucault chegaria aos conceitos de biopoder e biopolítica ao vislumbrar o aparecimento de um poder disciplinador e normalizador, que já não se exercia sobre os corpos individualizados, nem se encontrava disseminado no tecido institucional da sociedade, mas se concentrava na figura do Estado e se exercia a título de política estatal, que pretendia administrar a vida e o corpo da população (DUARTE, 2010).

Conforme postulou o próprio Foucault, o que ele chama de biopoder é o conjunto dos mecanismos pelos quais as características biológicas fundamentais da espécie humana vão poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Ou seja, é como as sociedades ocidentais modernas, a partir do século 18, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana (FOUCAULT, 2005).

Diferentemente da disciplina, que se dirige ao corpo, essa nova técnica de poder se aplica à vida dos homens, ao homem vivo, ao homem ser vivo, ao homem-espécie. Ela se dirige à multiplicidade dos homens, na medida em que ela forma uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença. Por isso, nos mecanismos implantados pela



biopolítica, vai se tratar de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais; e vai se tratar de intervir no nível daquilo que são as determinações desses fenômenos gerais, desses fenômenos no que eles têm de global (FOUCAULT, 2005).

Aquém, portanto, do grande poder absoluto, que era o poder da soberania, e que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece, com essa tecnologia do biopoder sobre a “população” enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de “fazer viver”. A soberania fazia morrer e deixava viver. Agora, aparece um poder que consiste, ao contrário, em fazer viver e em deixar morrer (FOUCAULT, 2005).

Por outro lado, esses dois mecanismos, um disciplinar, o outro regulamentador, não estão no mesmo nível, o que lhes permite, precisamente, não se excluírem e poderem articular-se um com o outro. Por conta disso, o poder disciplinar passa, a partir da segunda metade do século 18, a ser complementado pelo biopoder, que embute e integra em si a disciplina, transformando-a ao seu modo. O biopoder "não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes" (FOUCAULT, 2005, p. 289). Pelo contrário, ambas as espécies de poder passam a coexistir no mesmo tempo e no mesmo espaço.

Da sociedade biopolítica à sociedade controle e à potência da vida

Na interpretação de Deleuze, à esteira de Foucault, essa sociedade biopolítica, na qual estão inseridos os mecanismos disciplinares de poder, sofrerá nova reviravolta, transformando-se em sociedade de controle, a qual coincide com o tempo do Império. O Império, conforme postulam Hardt e Negri (2001), é uma nova estrutura de comando, em tudo pós-moderna, descentralizada e desterritorializada, correspondente à fase atual do capitalismo globalizado. Ou capitalismo rizomático, conforme definição de Deleuze e Guatarri (1995), em que um ponto qualquer se conecta com outro ponto qualquer e cada um de seus traços, sem ter começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual cresce e transborda.



Tal fase do capitalismo sentenciou o fim dos Estados-nação, o que nos permite incluir a própria Cuba, um regime socialista, dentro dessa lógica, visto que, diferentemente do imperialismo, o Império é sem limites ou fronteiras: engloba a totalidade do espaço e do mundo, apresenta-se como fim dos tempos, isto é, ordem a-histórica, eterna, definitiva, e penetra fundo na vida das populações, nos seus corpos e mentes (PELBART, 2003).

Dito de outro modo, quando falo de Império entendo uma forma jurídica e uma forma de poder bastante diferente dos velhos imperialismos europeus. Por um lado, segundo a tradição antiga, o Império é o poder universal, a ordem mundial, que talvez se realize hoje pela primeira vez. Por outro, o império é a forma de poder que tem por objetivo a natureza humana, portanto o biopoder. O que gostaria de sugerir é que a forma social tomada por esse novo Império é a sociedade de controle mundial (HARDT, 2000, 358).

No Império, em substituição aos dispositivos disciplinares, que antes formatavam nossa subjetividade, surgem novas modalidades de controle, que funcionam através de mecanismos de monitoramento mais difusos, flexíveis, móveis, ondulantes, incidindo diretamente sobre os corpos e as mentes, prescindindo das mediações institucionais antes necessárias. Esse novo regime de controle em espaço liso e aberto se exerce através de sistemas de comunicação, de redes de informação (PELBART, 2003).

Diante dessa nova leitura e prolongando uma intuição foucaultiana, Hardt e Negri (2001) assinalam que agora o poder não é apenas repressivo e punitivo, mas se encarrega positivamente da produção e da reprodução da própria vida na sua totalidade. A partir dessa interpretação, a própria noção de vida deixa de ser definida apenas a partir dos processos biológicos que afetam a população. A vida, agora, passa a incluir a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo. Como diz Maurizio Lazzarato, a vida deixa de ser reduzida a sua definição biológica e tornar-se cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão, energia a-orgânica, corpo-sem-órgãos (PELBART, 2003).

Daí a inversão do sentido da biopolítica forjada por Foucault, que, agora, de poder sobre a vida passa a significar potência da vida. E definir Império como regime biopolítico implica esse duplo sentido, de reconhecer que nele o poder sobre a vida atinge uma dimensão nunca vista, mas, que, por isso mesmo, nele a potência da vida se revela de



maneira inédita. O próprio Foucault, afirma Pelbart (2003), muito cedo intuiu que aquilo mesmo que o poder investia – a vida – era precisamente o que doravante ancoraria a resistência a ele, numa reviravolta inevitável. Ao poder *sobre* a vida deveria responder o poder *da* vida.

Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto... é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe: pois tudo isso é a vida e não a morte (NEGRI, 2001).

Tal potência da vida, no contexto contemporâneo, equivale precisamente à biopotência da multidão, termo cunhado por Hardt e Negri para designar o poder desse corpo coletivo, em seu misto de inteligência, conhecimento, afeto, desejo. A multidão, por definição, é pura multiplicidade, ela é plural, heterogênea, centrífuga, e inclina-se a formas de democracia não representativa. A multidão, na sua configuração acentrada e acéfala, é também o oposto de massa. Esta é homogênea, compacta, contínua, unidirecional, todo o contrário da multidão: heterogênea, dispersa, complexa, multidirecional (PELBART, 2003).

Do Generación Y à potência da multidão

Pierre Lévy (1996, 2002) é um dos autores que mais defendem a posição de que a transparência da web seria uma dessas formas de práticas democráticas (biopolíticas) de resistência ao poder da multidão, já que no espaço virtual há recriação do vínculo social mediante trocas de saber, reconhecimento, escuta e valorização das singularidades, enriquecimento das vidas individuais e invenção de formas novas de cooperação e de subjetividades coletivas.

Nossa hipótese é de que tal fenômeno, presente na blogosfera em geral, também pode ser encontrado na blogosfera cubana, na qual aos cubanos não apenas podem exercer – ainda que de forma tímida, em razão de diversos mecanismos ligados à censura, como o elevado preço de acesso à Internet e o bloqueio, dentro da ilha, à visita de alguns sites – o direito de manterem-se informados, mas também o de livre expressão. As práticas comunicativas dos blogs mantidos por cubanos, através das listas de discussões e



comentários que ultrapassam fronteiras, configuram-se como uma linha de fuga, um movimento micropolítico de resistência ao poder totalitário e a sua voz uníssonas.

Nas mídias digitais, podem ser divulgadas ideias contestatórias, informações e manifestações pessoais que não teriam abrigo na imprensa oficial. Esse exercício da liberdade de expressão de cidadãos comuns possibilita a ampliação do debate, elemento fundamental na construção de uma sociedade plural e democrática. Assim, a apropriação, pelo governo cubano, da mídia tradicional, aos poucos começa a ser modificada através da prática dos blogs, usados como ferramentas de mediação e de visibilidade, de crítica da realidade social e de reivindicação de direitos. De forma que, se, por um lado, conforme pensava Arendt (1981), na modernidade, houve uma oclusão do político pela ascensão do social, resultando o declínio da esfera pública, por outro, com o ciberespaço, parece ocorrer fenômeno oposto: multiplicam-se os espaços possibilitando a mediação discursiva, ampliando o espaço público para o debate e a experiência da pluralidade. “Esta mutação da esfera pública constituiu um dos fundamentos da ciberdemocracia”. (LÉVY, 2002, p. 56).

Segundo Arendt, a realidade do mundo só pode se manifestar “de maneira real e fidedigna” quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, de maneira que os que estão a sua volta sabem que veem a mesma coisa, na mais completa diversidade (TELLES, 1990) (ARENDR, 1981). É a esfera pública, portanto, a construtora desse mundo comum entre os homens, mundo tal que tem de ser pensado não apenas como aquilo que é comum, mas como aquilo que é comunicável.

Entendendo o espaço público como local para construção de um mundo comum, como um espaço mediador que separa e estabelece uma relação entre os indivíduos, qualquer lugar pode se tornar espaço público quando se torna espaço de poder, de ação comum coordenada por meio do discurso. De acordo com essa concepção, os blogs mantidos por jornalistas independentes em Cuba também são espaços de mediação discursiva e de retomada do exercício da cidadania, de exercício de resistência ao poder.

Dentre esses espaços, o com maior destaque é o Generación Y de Yoani Sánchez. Cansada das mazelas que afetam a vida da maioria dos cubanos e que não eram contadas na televisão, nas rádios nem na imprensa oficial, a filóloga decidiu, em 2007,



expor suas experiências pessoais num blog, conforme relatou em entrevista à Revista Veja⁴. Símbolo da liberdade no meio de uma ditadura, o Generación Y discorre livremente sobre o cotidiano do povo cubano, a ausência de liberdade e a escassez de gêneros de primeira necessidade, oferecendo um contraponto à imprensa oficial. “Despertei, fazem (sic) dois anos, com vontade de escrever o verdadeiro roteiro dos meus dias e não a comédia rosa que os jornais oficiais mostravam. Passei então de assistir aos filmes à (sic) vivenciá-los” (SÁNCHEZ, 2009c).

Sem permissão de ter uma conexão em casa, a exemplo do que ocorre com a maioria dos cubanos, Yoani precisa busca um lugar onde possa se conectar. Inicialmente, dependia de dois cibercafés públicos, com preços, segundo ela, praticamente proibitivos, entre 5 e 6 pesos conversíveis por hora, quase um terço do salário do cubano médio, e dos hotéis, com tarifas ainda mais caras, conforme informou à Veja⁵. Hoje, também dita seus textos por telefone a essa rede de cooperação, segundo ela descreve em post no seu blog, ao agradecer o trabalho desses voluntários.

Um abraço forte neste fim de ano à (sic) todos esses “palitos chineses” espalhados pelo mundo, aos comentaristas deste blog, aos blogueiros cubanos de dentro e de fora, de uma tendência ou outra, aos tradutores de Geração Y que – de maneira voluntária – fazem meus textos acessíveis à (sic) tantos, aos que trancrevem (sic) os textos que dito pelo telefone e depois os colocam no Twitter, aos que enviam meus posts à (sic) milhares de e-mails em todo o mundo e que me chamam em casa para contar o que minha menos valia como internauta não me permite saber (SÁNCHEZ, 2009a).

Por meio dessa ajuda, em menos de dois anos a página foi incluída pela revista Time entre os 25 melhores blogs, influenciando a criação de diversos outros espaços semelhantes, e a inauguração, em sua própria casa, em 2009, da Academia Blogger, dedicada à formação de novos blogueiros, que não param de crescer, segundo ela própria comenta:

Como o espirro de uma gripe desejada, a blogosfera alternativa cubana não deixa de se propagar. Já não se parece com a região isolada que mostrava – casualmente – umas poucas páginas com pseudônimo em abril de 2007, quando comecei Geração Y. Perdi a conta de quantos somos agora porque a cada semana fico sabendo que nasceram, pelo menos, dois novos espaços virtuais. O

⁴ Entrevista Yoani Sánchez à Revista Veja. Disponível em
<http://veja.abril.com.br/280508/auto_retrato.shtml> Acesso em: 29 mai. 2010

⁵ Idem



bloqueio de várias plataformas blogueiras e os constantes ataques só serviram para que o vírus da livre opinião se transmutasse em formas mais complicadas de calar (SÁNCHEZ, 2009b).

Tal multiplicação de espaços nos permite aferir o movimento nascido em torno do blog Generación Y como uma iniciativa de resistência inscrita na lógica da biopotência da multidão, interpretação esta que é reforçada quando analisamos o alcance do referido blog. Hospedado num servidor da Espanha, devido à impossibilidade de os cubanos terem um domínio próprio, o espaço é traduzido para 17 idiomas por voluntários de diversos países. Em entrevista à Revista Criativa⁶, Yoani comentou que o blog teve 4 milhões de acessos em março de 2009, a maioria por cubanos radicados em países como os Estados Unidos, Espanha e Itália. Para se ter uma ideia, a versão oficial, em espanhol, recebeu, nos últimos dois meses de 2009 mais de 37 mil comentários, em novembro, e mais de 32 mil, em dezembro.

Em razão dessa expressividade, como voz de resistência, a jornalista foi listada entre as cem pessoas mais influentes do mundo pela TIME, em 2008, mesmo ano em que ganhou o prêmio Ortega y Gasset de Jornalismo, foi eleita pela revista Foreign uma das 50 intelectuais mais importantes do ano e incluída, pelo jornal espanhol El País, na lista das 100 personalidades hispano-americanas mais influentes. Esse prestígio fez com que, inclusive, conseguisse uma entrevista com o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, cutucando com vara curta o presidente cubano, Raúl Castro, para o qual ela também enviou perguntas, as quais, no entanto, ficaram sem resposta.

Na ocasião, Obama elogiou a iniciativa de transparência pela prática de Yoani e seus colegas cubanos na blogosfera:

Teu blog oferece ao mundo uma janela particular às realidades da vida cotidiana em Cuba. É revelador que a Internet tenha oferecido a ti e a outros valentes blogueiros cubanos, um meio tão livre de expressão, aplaudo estes esforços coletivo (sic) que fazem seus compatriotas para expressarem-se através da tecnologia. O governo e o povo estadunidense nos unimos a todos vocês em antecipação ao dia em que todos os cubanos possam se expressar livre e públicamente (sic) sem medo de represálias. (...)

⁶ Entrevista Yoani Sánchez à Revista Criativa. Disponível em <<http://revistacriativa.globo.com/Criativa/0,19125,ETT1684014-5458,00.html>> Acesso em: 29 maio 2010



Muitos não estão de acordo com o governo cubano, muitos outros não estão de acordo entre si. No que devemos estar todos de acordo é que temos que ouvir as inquietudes e interesses dos cubanos que vivem na ilha. Por isso é que tudo o que vocês estão fazendo para projetar suas vozes é tão importante – não só para promover a liberdade de expressão, como também para que a gente fora de Cuba possa entender melhor a vida, as vicissitudes e as aspirações dos cubanos que estão na ilha. (*apud* SÁNCHEZ, 2009)

Conforme podemos constatar, Generación Y virou fórum de debates e ganhou notoriedade internacional, demonstrando que, por meio da rede de cooperação formada em torno dele, se consolida uma esfera pública que permite a prática de uma forma de resistência a qual fortalece o sentimento de pertença dessa minoria. Através da interação com outros internautas, os blogueiros propõem outra forma de comunicação potencialmente mais criativa e democrática, à medida que tais tecnologias possibilitam maior interatividade, diálogo e pluralismo de ideias na rede, dando mais visibilidade e liberdade de expressão aos sufocados pelos aparatos de controle.

Na perspectiva da ciberdemocracia, o principal impacto da internet é contribuir para o enfraquecimento de grupos ditatoriais e fortalecer os princípios democráticos do livre acesso à informação, sem censura. Os regimes e governos autoritários conseguem bloquear ou limitar o livre acesso dos cidadãos aos conteúdos informativos dos sites, dos blogs, entre outras ferramentas que possibilitam a participação cidadã através do ciberespaço. Entretanto, mesmo que não tenham o livre acesso direto a essas páginas, cujos conteúdos são espalhados pelas comunidades virtuais na rede, como forma de burlar as formas repressoras de censura, os internautas e cidadãos desses países podem respirar um pouco mais aliviados, pois a rede traz consigo a utopia de um mundo mais democrático e liberto das amarras do autoritarismo ditatorial. Como afirma otimista Levy (2002, p. 64): “Isso não é bom para as ditaduras, mas é bom para a cidadania.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de narrativa e do alcance do blog Generación Y nos permitiu verificar a re(criação) de um espaço público e a prática de uma forma de resistência contra o regime cubano. Tais movimentos, conforme verificamos, são marcados pela cooperação em rede, pela liberdade de opinião e pela livre manifestação, tanto de internautas cubanos como de outros países.



Afirmar que as tecnologias de informação e comunicação afetaram as sociedades em escala mundial, criando novas possibilidades de conexão e interatividade, características do capitalismo rizomático, conexcionista, parece ser consensual. Entretanto, que elas são indispensáveis ao desenvolvimento e fortalecimento da democracia, especialmente em contextos onde os regimes autoritários ditatoriais ganharam força, talvez seja uma conclusão um pouco apressada. É necessário ampliar o número de pesquisas que reflitam sobre os impactos das mídias digitais como espaços de oxigenação de ideias.

Cabe lembrar que tais práticas comunicacionais, potencialmente utilizadas para resolver os problemas contemporâneos, ampliando a acessibilidade das informações e a democracia, também podem ser instrumentos de controle e de censura dos governos ou de outros grupos organizados. Ilustrativo, nesse sentido, é o fato de que, em paralelo ao movimento de resistência liderado simbolicamente por Yoani, aparecer um outro, que justamente a acusa de postar informações inverídicas em seu blog e de receber ajuda de outros países, sugerindo que ela seria uma espécie de dissidente patrocinada pelo governo dos Estados Unidos ou por grupos europeus de extrema direita.

Seja como for, conforme vimos, as mídias digitais podem ser meios conectivos importantes para a criação desses movimentos de resistência inscritos na lógica da biopotência da multidão, os quais são capazes de criar linhas de fuga ao poder, possibilitando a emergência de novas subjetividades coletivas e desenhando as possibilidades de uma democracia biopolítica. Contudo, isso requer um aprendizado, pois a construção das utopias, de projetos de mundo melhor com maior igualdade, liberdade, solidariedade e justiça social requer qualificação das práticas cotidianas, ações educativas ampliando a participação dos cidadãos em seus contextos.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, M. Biopolítica e sociedade de controle: Notas sobre a crítica do sujeito entre Foucault e Deleuze. **Revista Cinética**; Estéticas da Biopolítica. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/cep/miguel_angelo.htm> Acesso em 27 mai. 2010

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1981.



DUARTE, A. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. **Revista Cinética**; Estéticas da Biopolítica. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.htm> Acesso em 27 maio 2010

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal; 1993.

HARDT, M. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, E. **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000, pp.357-372

HARDT, M; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LÉVY, Pierre. **Ciberdemocracia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002

NEGRI, A. **Exílio**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**. Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SÁNCHEZ, Y. Resposta de Barack Obama à Yoani Sánchez. **Geração Y**. 19 nov. 2009. Disponível em: <http://www.desdecuba.com/generaciony_pt/?p=718> Acesso em: 30 maio 2010

_____. Camila e seu cesto de vime. **Geração Y**. 24 dez. 2009A. Disponível em: <http://www.desdecuba.com/generaciony_pt/?p=821> Acesso em: 30 maio 2010

_____. Éramos tão poucos. **Geração Y**. 15 dez. 2009b. Disponível em: <http://www.desdecuba.com/generaciony_pt/?p=788> Acesso em: 29 jan. 2010

_____. Seres de Sombra. **Geração Y**. 12 nov. 2009c. Disponível em: <http://www.desdecuba.com/generaciony_pt/?p=684> Acesso: em 30 maio 2010

TELLES, V. Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. **Tempo Social**. Departamento de Sociologia/USP, São Paulo, 2(1): 23-48, 1990.